



## “O Alienista” como veículo de crítica social “The alienist” as a vehicle for social criticism

Dossiê: intérpretes do  
Brasil

Juracy Assmann Saraiva\*

ORCID: 0000-0003-4649-8177

E-mail:  
juracyassmannsaraiva@gmail.com

Recebido: 18/09/2024  
Aprovado: 16/04/2025

### Resumo:

O artigo visualiza o modo como Machado de Assis interpreta a sociedade oitocentista, a partir da temática da loucura, tendo “O Alienista” como corpus de análise. Em diálogo com estudos de Alfredo Bosi (1982, 2008), de Katia Muricy (1988), de Raymundo Faoro (1982), de Regina Zilberman (1988), de Elton Corbanezi (2015) o artigo centra-se nas ações que compõem a sequencialidade da narrativa, na caracterização das personagens, na desestabilização de discursos, nas remissões a personagens e a fatos da história. Conclui que a confluência desses aspectos projeta o pensamento crítico do escritor, que situa no passado problemas do momento de produção da novela, configurando-a como uma sátira da sociedade brasileira. Essa incide sobre a radicalização dos ideais revolucionários, sobre a busca desenfreada pela modernização, sobre a adoção imponderada de pensamentos científicos europeus e sua generalização, com o intuito de denunciar o abuso de poder, praticado em nome da ciência, e a falsidade inerente a posicionamentos humanos.

### Palavras-chave:

Machado de Assis; “O Alienista”; Intérprete; Sociedade brasileira; Sátira.

### Abstract:

This article examines how Machado de Assis interprets nineteenth-century society based on the theme of madness, using “The Alienist” as the corpus of analysis. In dialogue with Alfredo Bosi (1982, 2008), Katia Muricy (1988), Raymundo Faoro (1982), Regina Zilberman and Elton Corbanezi (2015) studies, the article focuses on the actions that make up the narrative’s sequence, the characters’ features, the discourses’ destabilization, and the references to characters and historical facts. It concludes that the confluence of these traits projects the writer’s critical thinking, which situates the problems of the time that the novel was produced in the past, configuring it as a satire of Brazilian society. This satire focuses on the radicalization of revolutionary ideals, the unbridled search for modernization, the thoughtless adoption of European scientific ideas and their generalization, with the aim of denouncing the abuse of power practiced in the name of science, and the falseness inherent in human positions.

### Keywords:

Machado de Assis; “The Alienist”; Interpreter; Brazilian society; Satire.

\*Doutora em Teoria Literária pela PUC/RS e Pós Doutora em Teoria Literária pela UNICAMP. Professora visitante no PPG em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Literatura, Sociedade e História da literatura; é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: [juracyassmannsaraiva@gmail.com](mailto:juracyassmannsaraiva@gmail.com) e membro do grupo de pesquisa "A Ficção de Machado de Assis: Poética e Contexto".

## 1. Contextualização

As manifestações artísticas traduzem relações entre o que nelas está expresso e a realidade, e esse processo mimético, que não se constitui a partir da reprodução exata do real, traz em si o diálogo do artista com o mundo exterior, com sua interioridade e com a tradição estética precedente. Nesse sentido, a ação de representar pressupõe a interpretação do agir humano, bem como da análise do modo como ele pode ser configurado por meio da linguagem. Esse pressuposto orienta a leitura de “O Alienista”, em que Machado de Assis, como também o faz em outras produções, assume a posição de intérprete da sociedade oitocentista.

A novela<sup>1</sup> foi publicada periodicamente na revista *A Estação*, de outubro de 1881 a março de 1882, e incluída na coletânea denominada *Papéis avulsos*, que veio a público nesse mesmo ano. Ela se relaciona, por sua temática e pela proximidade das datas de publicação, com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* – lançado em folhetim, na *Revista Brasileira*, entre 15 de março e 15 de dezembro de 1880 e publicado em livro no ano seguinte – e com *Quincas Borba*, impresso na revista *A Estação*, em um período que se estende de 15 de junho de 1886 até 15 de setembro de 1891.

A presença do tema da loucura nas três narrativas evidencia sua relevância para o pensamento crítico de Machado de Assis, que interpreta o obsessivo desejo humano de valorização pessoal, expresso nas ações dos protagonistas, como origem da insanidade. Em *Memórias Póstumas*, a criação do emplasto anti-hipocondríaco visa ao desejo de luzir e de brilhar de Brás Cubas, estimulado pelo pai e pelo filósofo ensandecido Quincas Borba; esse encontra, na formulação do Humanitismo, o caminho para alcançar consideração e respeito. Em *Quincas Borba*, Rubião vale-se da ostentação de uma riqueza e de uma filosofia, ambas herdadas, para sentir-se valorizado em um contexto que lhe é adverso. Em “O Alienista”, Simão Bacamarte, que é apresentado como o maior médico de Portugal e da Espanha, busca o reconhecimento por meio do estudo do “recanto psíquico” ou da “patologia cerebral”, visto que reconhece sua competência para desvendar os limites entre razão e loucura.

Embora o desejo de nomeada seja a origem da obsessão dos protagonistas e um vínculo a integrar as narrativas, a representação da loucura difere de uma para outra: em *Memórias Póstumas*, Machado avalia a encenação de comportamentos no espaço social como uma espécie de desvario, que, entretanto, se coaduna com a concepção de vida do contexto representado; em *Quincas Borba*, cujo título remete ao nome do filósofo e de seu cão, a loucura é a concretização das ideias daquele, que se materializam na trajetória de Rubião. Assim, Quincas Borba e Rubião figurativizam duas expressões de loucura: “a

---

<sup>1</sup> Por sua dimensão, pelo número significativo de personagens, pelo desdobramento de ações, esta narrativa deve ser classificada como novela, e não como conto. O próprio autor se refere à imprecisão classificatória, afirmando, na advertência de *Papéis avulsos*, que “há aqui páginas que parecem meros contos, e outras que o não são” (Assis, 1986a, p. 252).

primeira, ligada a uma forma de existência excêntrica”, movida por um espírito inquieto e inventivo; a segunda, resultante da submissão humana à convergência do trágico e do cômico e “reveladora da solidão e do abandono a que muitas vezes o louco é condenado” (Lima, 2009, p. 642).

Em “O Alienista”, porém, a loucura não é apenas a representação da experiência da insanidade, mas o próprio eixo temático em torno do qual a narrativa se desenvolve, visto que é objeto de estudo do protagonista, Simão Bacamarte, cuja profissão é referida no título do conto. Constituída por meio de um enredo surpreendente, em que a alteração da sequência das ações e dos papéis das personagens sofre rupturas, a narração parece estabelecer uma relação icônica com um discurso gerado pelo delírio<sup>2</sup>. Entretanto, a sequencialidade desordenada e a apresentação caricata das personagens não explicitam o potencial histórico-alegórico da novela, que se volta para circunstâncias socioculturais, em que se incluem a circulação de convicções científicas, o fascínio dos indivíduos por aparatos de poder e a desordem institucional que, segundo se depreende da diegese, compunham a estrutura da sociedade brasileira.

Consequentemente, “O Alienista” centraliza-se na interpretação da sociedade instituída por Machado por meio da narrativa, cujos elementos composicionais exigem a ativa participação do leitor no intuito de elucidar sua intencionalidade. Com esse objetivo, a análise da novela se organiza em torno da tentativa do protagonista de delimitar a razão e a loucura, nas ações efetivadas para alcançar este fim, nas personagens envolvidas e na contraposição de acontecimentos fictícios aos da realidade empírica.

Esses aspectos contribuem com a significação da narrativa, que, assumindo a forma de um teatro burlesco, amplia o contexto de referência – o Brasil colonial do final do século XVIII – para lançar um olhar sarcástico sobre a sociedade do Rio de Janeiro, durante a segunda metade do século XIX, com o intuito de denunciar o abuso do poder praticado em nome da ciência e a falsidade inerente a posicionamentos humanos.

## 2. Nas dobras de “O Alienista”

“As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte” (Assis, 1986, p. 254)<sup>3</sup>. O enunciado inicial da narrativa, expresso em tom épico e que situa os acontecimentos em um passado longínquo, apresenta as crônicas como um arquivo que permite o acesso do narrador à vida do alienista e aos acontecimentos de sua inusitada experiência. O recurso à documentação é garantia da autenticidade dos fatos a serem narrados e instala a imagem de um narrador

<sup>2</sup> Augusto Meyer afirma que “*O Alienista*, sob a sua aparência leve e um tanto caricata, encobre a sátira mais feroz de toda a sua obra e, ultrapassando pelo sentido íntimo os seus modestos limites, dando uma ressonância inédita ao humour” (Meyer, 1952, p. 62).

<sup>3</sup> Para evitar o excesso de dados bibliográficos, as referências de “O Alienista”, a partir desse ponto, serão indicadas somente pelo número da página. Elas provêm de: ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Org. Afrânio Coutinho. V. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986a.

e instala a imagem de um narrador confiável, que justifica seu conhecimento por meio da compilação e da análise de dados, procedimento que o vincula aos desenvolvidos pelo próprio protagonista da narrativa. Enquanto este abre os arquivos da alma humana, buscando delimitar razão e loucura, o narrador desvenda os arquivos dos cronistas, para narrar a história de uma experiência científica, cujos desdobramentos a assemelham a um rito carnavalesco.

Das crônicas, o narrador extrai os traços distintivos de Simão Bacamarte e os episódios a que confere uma sequência linear, a qual, por abrigar enunciados provenientes de campos discursivos múltiplos, sofre interrupções ou descontinuidades. Delas provêm detalhes que determinam limites tempo-espaciais, mas também sua ruptura. Assim, ao referir opiniões e comentários discordantes, que negam a convergência em torno da figura do alienista e de suas ações, as crônicas instalam a polifonia<sup>4</sup> e projetam um olhar crítico, cuja orientação deve ser apreendida pelo leitor para que capte, na construção temática e formal da narrativa, sua ambivalência paródica.

Nesse sentido, em “O Alienista”, Machado apropria-se da seriedade do discurso científico para desconstruí-lo por meio de uma narrativa que não obedece a regras ditadas por causas e consequências, mas que está sujeita ao imprevisível, e protagonizada por uma espécie de anti-herói que usa seu poder para submeter a população aos interesses obscuros da ciência. Os altos e baixos da história narrada, os traços circenses do protagonista e a confluência de discursos desestabilizam os sentidos e instalam a dimensão irônica, exigindo um posicionamento reflexivo e produtivo do leitor diante do texto, alicerçado no discurso científico.

A narrativa começa com a apresentação, pelo narrador, do médico Simão Bacamarte, que retorna à vila de Itaguaí, aos 34 anos, após ter estudado em Coimbra e Pádua e ter recusado o convite do el-rei para dirigir a universidade lusitana ou para atuar junto à monarquia. Os nomes das instituições de ensino funcionam como insígnias da classe social do alienista e de sua dignidade, além de referendarem a informação de ser o mais notável médico de Portugal e das Espanhas. A idade de 34 anos é outro signo de valorização moral, pois traduz maturidade e sugere a comparação de Bacamarte com Cristo, comparação que esclarece seu devotamento à ciência, assumida como se religião fosse, e justifica a recusa de Bacamarte ao convite de el-rei: “A ciência [...] é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo” (p. 253)<sup>5</sup>.

É, pois, no cenário de uma pequena comunidade interiorana, onde o conhecimento dos avanços da ciência é restrito e onde o convívio próximo expõe o lado menos

---

<sup>4</sup>“Emprega-se o termo polifonia para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem. Reserva-se o termo dialogismo para o princípio constitutivo da linguagem e de todo discurso” (Barros, 1999, p. 5-6).

<sup>5</sup> A história narrada se situa depois de 1785, após a inauguração do chafariz das Marrecas, e antes de 1808, quando ocorreu o fim do vice-reinado no Brasil.

louvável dos comportamentos humanos, que o Dr. Simão Bacamarte se doa “de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas” (p. 253). A configuração desse cenário institui-se por oposição ao da metrópole, definindo-se seu antagonismo em relação a ela pela precariedade do conhecimento ou pela falta das “luzes”, bem como pelo descompasso das condições de vida em face da ciência.

Seis anos após sua chegada a Itaguaí, o médico casa-se com D. Evarista, uma viúva jovem, cujas condições “fisiológicas e anatômicas” (p. 254) demonstravam estar ela apta a gerar filhos robustos. Passam-se 12 anos e, frustrado em sua expectativa de ser pai, Bacamarte aprofunda-se nos estudos da medicina e decide dedicar-se ao “recanto psíquico” ou “à patologia cerebral”, convicto de que “a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de louros imarcescíveis” (p. 254) com suas descobertas.

Movido por esse desejo de reconhecimento e por suas convicções, Bacamarte consegue a aprovação da câmara de vereadores para construir a casa que iria abrigar os doidos de Itaguaí e de outras localidades, além de um imposto para subsidiar o tratamento, o qual incidiria sobre a colocação de plumas em cavalos de coches mortuários. Entretanto, o médico precisa lidar com resistências, uma vez que a “ideia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma um sintoma de demência” (p. 254).

A singularidade da ideia, que contrariava o hábito de manter os loucos furiosos trancados em uma alcova e os mansos à solta pela rua, e o fato de Bacamarte ler e estudar continuamente é visto por itaguaienses como causa de falta de juízo, o que põe em descrédito sua iniciativa<sup>6</sup>. Além disso, a avaliação sugere a semelhança de Simão Bacamarte com Dom Quixote, que “do pouco dormir e do muito ler [...] chegou a perder o juízo” (Cervantes, 2005, s/p.), e enfatiza a possibilidade da convergência entre medicina e insanidade<sup>7</sup>.

Entretanto, construída a casa Verde, assim denominada pela novidade da cor das janelas, e depois de muitos estudos, Bacamarte nela instala a “família dos deserdados do espírito” (p. 256). O estudo classificatório dos dementes dá lugar à ampliação progressiva do âmbito da loucura e, se esta era vista inicialmente pelo médico como uma “ilha perdida no oceano da razão” (p. 260), passa a ser compreendida como um continente, restringindo-se a razão a “uma pérola” na “vasta concha” do espírito humano (p. 260). Convicto de que a razão só é encontrada nos indivíduos que detêm o perfeito equilíbrio de suas faculdades mentais e morais, Bacamarte manda encerrar na Casa Verde os

---

<sup>6</sup> Lê-se em *D. Quixote de La Mancha*: “Em suma, tanto naquelas leituras se enfrascou, que as noites se lhe passavam a ler desde o sol posto até à alvorada, e os dias, desde o amanhecer até fim da tarde. E assim, do pouco dormir e do muito ler se lhe secou o cérebro, de maneira que chegou a perder o juízo” (Cervantes, 2005).

<sup>7</sup> “Ao que tudo indica, o Alienista pode ser considerado como uma reescritura do Quixote, seja por intermédio do heroísmo insustentável e anacrônico, seja pela ideia fixa que orienta a ação da personagem” (Vieira, 2004, p.78).

Diante da torrente de supostos loucos que não para de crescer, um clima de terror se instala entre a população, que se rebela contra o médico. Liderada pelo barbeiro Porfírio e apoiada por uma parcela dos dragões da força pública, a multidão destitui o alienista e os representantes da Câmara de seu poder. Embora se declarasse empenhado em libertar Itaguaí da “Bastilha da razão humana” (p. 270), expressão atribuída por um poeta à Casa Verde, Porfírio faz um acordo com Bacamarte e, em poucos dias, é destituído por outro barbeiro, João Pina. Entretanto, tropas enviadas pelo vice-rei reconstituem a ordem anterior e devolvem o prestígio a Simão Bacamarte que, na ausência de regras claras para definir a sanidade mental, inclui entre os loucos todos os tipos de indivíduos, inclusive a própria esposa, por sofrer da mania da suntuosidade.

Certo dia, para assombro dos habitantes da vila, todos os loucos da Casa Verde são liberados, uma vez que, diante das estatísticas que comprovavam estar aí detida 75% da população, Bacamarte revê sua teoria e passa a admitir como normal o desequilíbrio das faculdades mentais e, como patológico, o seu equilíbrio. A partir disso, são detidos na Casa Verde os modestos, os tolerantes, os leais, os magnânimos, que são submetidos a uma terapia para eliminar sua perfeição moral, sendo liberados após comprovarem que alcançaram um estágio de desequilíbrio. Todavia, Bacamarte conclui que essas pessoas não haviam sido curadas por ele, visto que já deviam ter latente o desvio demonstrado, o que lhe permite deduzir que ele é o único ser em perfeito equilíbrio moral e mental de Itaguaí. Por conseguinte, reunindo a teoria e a prática em si mesmo, Simão Bacamarte recolhe-se à Casa Verde, respondendo positivamente à dúvida de um vereador: “se tantos homens são reclusos por dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista?” (p. 270).

A sequência dos acontecimentos de “O Alienista” surpreende o leitor por suas peripécias e também pelo final inesperado, remetendo ao rito das inversões, que Bakhtin (2008) identifica no fenômeno da carnavalização. A população ora obedece ao alienista e aos representantes da Câmara, ora, destituídos esses de sua posição hierárquica, aplaude Porfírio, que, por sua vez, é deposto por seu colega João Pina, até que o alienista é alçado novamente ao lugar de mando, para, depois, isolar-se na Casa Verde. Paralelamente à evolução dos episódios, ocorrem a inversão e a reversão dos traços definidores da razão e da loucura, que acabam por dissolver os seus limites. Assim, os pares antinômicos de exaltação/repúdio, valorização/desprestígio, conhecimento/ignorância, domínio/submissão e razão/loucura são desconstruídos e reconstruídos, obedecendo à lógica de “um mundo ao avesso”, em que, ao final da narrativa, a ciência é visualizada como uma farsa.

Para essa compreensão, contribui a rede de avaliações, ora elogiosas, ora pejorativas, que caracterizam Simão Bacamarte: é considerado o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas (p. 253) e, em contrapartida, modesto (p. 254), dotado de rara sagacidade e capaz de expressar-se com eloquência (p. 255). Conforme relato do

narrador, recorre a fraudes e mentiras (p. 255), mas se apresenta como um homem caridoso (p. 257), conhecedor da Bíblia e da língua e da literatura árabe, e demonstra uma paciência extraordinária (p. 257), sem deixar-se consternar por questões que não fossem relacionadas à ciência. Movido por seu ideal, é um investigador constante, que não só busca devassar o futuro, mas também a interioridade de seus interlocutores, dirigindo-lhes “um olhar que metia medo nos mais heroicos” (p. 260). Esse “par de olhos agudos como punhais” (p. 263) alia-se à rigidez da postura do alienista que, mesmo diante da multidão enfurecida que o acusa de déspota e o ameaça de morte, mantém-se “impassível como um deus de pedra” (p. 277).

A imagem “petrificada” do protagonista, sua determinação, sua ideia fixa, o papel de herói que ele confere a si mesmo e a homofonia de seu nome com o de Napoleão Bonaparte sugerem uma relação paródica com o imperador francês. Enquanto esse tem por objetivo expandir o território da França, fortalecer seu império e dominar a Europa, Bacamarte afirma que sua experiência “vai mudar a face da terra” (p. 260). Assim, a função lúdica da linguagem acentua a semelhança entre Bacamarte e Bonaparte: são símbolos de grandeza nacional devido aos feitos de sua revolução – científica a do primeiro, política e militar a do segundo – e, excluídos do convívio social pelo exílio, ambos perecem.

Entretanto, o estudo da loucura, orientado pela razão, vem acrescido da caridade, que “entra no procedimento como tempero, como o sal das cousas” segundo a interpretação que Bacamarte atribui a um enunciado que São Paulo dirigira aos Coríntios, mas que ele altera: “Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada” (p. 256)<sup>8</sup>. Ao reduzir o sentido original, Bacamarte coloca o saber em primeiro plano, ignorando a capacidade de prever, de dominar enigmas esotéricos e científicos e de transformar a realidade, presentes no enunciado de São Paulo, embora, como ele, coloque a caridade como fundamento de sua existência. Dessa forma, ele se expõe como um sábio e compõe a imagem de um indivíduo altruísta. Essa, no entanto, é corroída pela tirania e construída sobre a opulência, visto que Bacamarte guarda em suas arcas “montes de ouro, [...] mil cruzados sobre mil cruzados, dobrões sobre dobrões” (p. 259), negando o sentido da caridade que é referido por São Paulo.

Movido por sua obsessão e baseado no método analítico, Simão Bacamarte divide inicialmente os loucos “em duas classes principais: os furiosos e os mansos” e daí passa às “subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas” (p. 257), em que insere loucos por amor, por ostentação de falsa grandeza, por excessiva prodigalidade e dissipação da fortuna, pela crença em maldições, pelo êxtase diante dos próprios bens, pelo cultivo da linguagem empolada, pela mania sumptuária. O alienista procede a uma

---

<sup>8</sup> Em uma passagem da primeira carta de São Paulo aos Coríntios, lê-se: “Se eu tivesse o dom da profecia, se conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, se tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, mas se não tivesse caridade, eu não seria nada” (BÍBLIA, N.T. I Coríntios 13, versículo 2. *In*: Bíblia Católica Online. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/i-corintios/13/#:~:text=Mesmo%20que%20eu%20tivesse%20o,3>. Acesso em: 11 jul. 2024.

verdadeira devassa do indivíduo e de sua família, “como a não faria o mais atilado corregedor” (p. 258), e condutas transformam-se em diagnósticos a serem investigados e curados, visto que somente a razão podia sustentar o “perfeito equilíbrio de todas as faculdades” (p. 261).

São os dados estatísticos, ao comprovarem que quatro quintos da população estavam detidos na Casa Verde, que induzem Simão Bacamarte a inverter sua doutrina e passar a definir como “normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades” (p. 280-281). Cabe à nova experiência científica promover o apresamento dos modestos, dos tolerantes, dos verídicos, dos simplices, do leais, dos magnânimos, dos sinceros, e, para curar esses indivíduos, o alienista estimula-os a evidenciar comportamentos que se opõem a sua qualidade predominante. Depois de cinco meses, a Casa Verde estava vazia, mas o “majestoso edifício da nova doutrina psicológica” (p. 287) não precisou ser destruído, já que o alienista reconhece ser ele o único mentecapto de Itaguaí, por concentrar em si as características do perfeito equilíbrio mental e moral, reunindo, portanto, a teoria e a prática.

O surpreendente final, em que o alienista se transforma em vítima de suas convicções ou em mártir da ciência e a sequência rocambolesca dos episódios têm seu registro documental assegurado pelo narrador. Mas, ao mesmo tempo em que remete às crônicas para garantir a “veracidade” dos acontecimentos, o narrador emite opiniões sobre eles, relata posicionamentos discordantes a respeito do médico e de suas experiências<sup>9</sup>, descreve o jogo de interesses subjacente a decisões das personagens, reproduz boatos, registra avaliações ambíguas, rompe com a seriedade do registro discursivo da ciência médica, transferindo-o para situações cômicas e suscitando a incredulidade do leitor. Entrevista nesta confluência de discursos ou do cruzamento de vozes, a enunciação convida o receptor ao estabelecimento de relações com o contexto de sua produção.

### 3. Nos entretempos, a crítica da sociedade brasileira

A ambiguidade da enunciação revela-se, na narrativa, inicialmente, pela restrição imposta à ciência e ao espaço de sua produção. Embora seja resultado de esforços coletivos e fator de anulação de fronteiras, a ciência centraliza-se sobre um único agente – Simão Bacamarte – e limita sua espacialidade, conferindo a Itaguaí a dimensão do universo. A esses aspectos, a narrativa reúne o da indicação imprecisa da temporalidade – “em tempos remotos” – que confirma sua natureza ficcional, embora a progressão das ações sugira a articulação de eventos do tempo da diegese com os do tempo da produção do texto.

<sup>9</sup> As discordâncias em relação ao protagonista e a pluralidade de vozes que se manifestam a respeito de suas ações ficam evidentes na passagem em que ele encerra a prima do Costa na Casa Verde: “A notícia desta aleivosia do ilustre Bacamarte lançou o terror à alma da população. Ninguém queria acabar de crer, que, sem motivo, sem inimizade, o alienista trancasse na Casa Verde uma senhora perfeitamente ajuizada, que não tinha outro crime senão o de interceder por um infeliz. Comentava-se o caso nas esquinas, nos barbeiros; edificou-se um romance, umas finezas namoradas que o alienista outrora dirigira à prima do Costa, a indignação do Costa e o desprezo da prima. E daí a vingança. Era claro. Mas a austeridade do alienista, a vida de estudos que ele levava, pareciam desmentir uma tal hipótese. Histórias! Tudo isso era naturalmente a capa do velhaco. E um dos mais crédulos chegou a murmurar que sabia de outras cousas, não as dizia, por não ter certeza plena, mas sabia, quase que podia jurar” (p. 263-264).

Situando o tempo da história narrada, Massaud Moisés sustenta que

o conto decorre nos tempos coloniais, provavelmente na segunda metade do século XVIII. Tempos áureos, graças às minas que expeliam das suas entranhas o metal que sustentava os luxos da Corte em Lisboa e graças ainda aos ventos do progresso que anunciavam o advento da hegemonia da Razão, com todas as suas promessas, no bojo do Iluminismo (2001, p. 129).

Informantes textuais situam o contexto histórico-social de “O Alienista” entre 1785, após a inauguração do chafariz das Marrecas, e antes de 1808, quando ocorreu o fim do vice-reinado no Brasil. Entretanto, Machado transfere aos eventos narrados a perspectiva com que visualiza seu entorno, estabelecendo entre eles um jogo de espelhos, em que a deformação é incapaz de anular a similitude. Segundo Kátia Muricy, o “recuo no tempo [...] é a escansão necessária” (1988, p.33) para que Machado possa criticar saberes e valores em circulação no final do século XIX, como o dogmatismo de ideias filosóficas e cientificistas, as relações entre ciência e poder e o caráter ilusório das revoluções.

Sob esse ponto de vista, o escritor

[...] ataca diretamente a Medicina, que ganhava *status* de ciência e estava na ordem do dia [...]. Ao aliá-la à figura de Simão Bacamarte, que carrega no sobrenome o índice da violência e da dizimação, revela o ângulo da desumanidade e do aviltamento das pessoas, exercidos a pretexto da pesquisa e do desenvolvimento científico (Zilberman, 1998, p. 181).

A valorização da medicina, a ampla aceitação do evolucionismo e do positivismo, sustentados em preceitos biológicos, os ideais liberalizantes oriundos da França emergem do discurso ficcional do narrador, mas circulam no contexto empírico. A razão do protagonista para a escolha de D. Evarista como esposa, justificada pelas “condições fisiológicas e anatômicas” (p. 254) dela e por sua aptidão para gerar filhos saudáveis, obedece aos preceitos da medicina social e higienista brasileira do século XIX<sup>10</sup> e não do século XVIII, o que comprova a convergência do momento da produção da narrativa com o da história narrada. Portanto, Machado de Assis avalia o contexto e o representa em uma narrativa que deveria situar-se no século XVIII, mas que transcorre diante de seu olhar crítico.

A adesão irrefletida de cientistas brasileiros à teoria da evolução das espécies, publicada por Charles Darwin em 1859, é ridicularizada por meio da caracterização de um dos loucos da Casa Verde, que, impulsionado por sua mania de grandeza, narra às paredes do hospício sua genealogia: “Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu” (p. 278-279). O tratamento zombeteiro dado às ideias evolucionistas conjuga-se ao estilo

<sup>10</sup> No conjunto das reformas políticas e sociais do final do século XIX e início do século XX, uma nova abordagem médica foi instituída no Brasil. Ela primava pela definição de normas que conduziram ao movimento higienista, o qual propunha extinguir doenças que assolavam a população, tais como o cólera-morbo, a febre-amarela, a varíola, a malária, a tuberculose e a peste bubônica (Martins, 1998). Com efeito, os higienistas almejavam “curar as cidades de suas ‘patologias’ sanitárias, sociais e espaciais” (Martins, 1998, p. 141).

bíblico da narração de genealogias (exemplo em Gênesis 11: 10-26 e Rute 4: 18-22), as quais acentuam a fixação das classes abastadas pela opulência e pela valorização de suas origens e sugere a polêmica que os pressupostos darwinistas geraram ao entrar em choque com os ensinamentos das religiões cristãs, segundo os quais o homem e a natureza são a criação de um ser superior. A convergência de fundamentos epistemológicos opostos – um que assinala a transformação das espécies, outro que define a existência de um princípio criador – parece registrar, por meio do recurso à comicidade, o ceticismo de Machado diante dos debates científicos de seu tempo.

Ideias provenientes da sociologia positivista<sup>11</sup> são subtextos com que Machado de Assis compõe a arquitetura narrativa de “O Alienista”. Essas ideias transparecem na figurativização de Bacamarte que se expõe, assim como Auguste Comte, como um indivíduo superior aos demais. Orientando-se pelos procedimentos de observação, experimentação, comparação e classificação, ambos buscam alcançar a verdade, ou seja, o conhecimento científico, cuja valorização ganha a dimensão da religiosidade<sup>12</sup>.

A soberba caracteriza o médico, que, ciente de seu poder como cientista, declara aos rebeldes que exigem a libertação dos reclusos na Casa Verde:

Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas, se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos nem a rebeldes (p. 302).

Ao negar-se a esclarecer o sistema de suas pesquisas, o protagonista reafirma sua autonomia e a distância que o separa dos que desconhecem os meandros do conhecimento científico<sup>13</sup>. Simultaneamente, a passagem expõe a retórica persuasiva de Bacamarte que convencera a câmara dos vereadores a lhe dar autorização para criar a Casa Verde e os meios para arcar com sua manutenção. Com efeito, transformada em questão política, a loucura recebe os tributos pagos à vaidade: o uso de penachos nos cavalos dos enterros. Caso se considere a condição de alienado como uma espécie de morte em vida, é a morte que possibilita pagar o tratamento dispensado à loucura.

A autorização concedida a Bacamarte elucida a concepção da medicina no período colonial, em que o poder do soberano, por meio do físico-mor e do cirurgião-mor, se limitava a exercer uma ação de fiscalização com objetivos punitivos (Muricy, 1988). Assim, por um lado, Bacamarte, por seus méritos científicos, tem reconhecido seu direito

---

<sup>11</sup> “Um fato histórico autoriza essa hipótese: no ano de publicação d’O alienista em folhetim fundou-se, no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, o Apostolado Positivista (1881), o qual consolidou a recepção e a difusão do positivismo comteano, que adquiriu ainda maior visibilidade no país com a Proclamação da República, em 1889” (Corbanezi, 2015, p. 211).

<sup>12</sup> Segundo Augusto Comte, “as diferentes etapas do progresso humano conduziram os estágios evolutivos do homem até a assimilação plena final, em que as palavras síntese e religião se tornam sinônimas” (Comte, 1978, p. 145).

<sup>13</sup> Bacamarte conduz-se como o estóico descrito por Erasmo de Rotterdam, em *O elogio da loucura*: “Eis o retrato fiel de um estóico: surdo à voz dos sentidos, não sente nenhuma paixão; o amor e a piedade não causam qualquer impressão ao seu coração empedernido como diamante; nada lhe foge, jamais se perde, pois têm um olho de lince; pesa todas as coisas com extremada exatidão, não perdoa coisa alguma; acha em si próprio a completa ventura e acredita-se o único rico na terra, o único sábio, o único com liberdade, em suma, pensa que ele apenas é tudo, e o mais interessante é que ele é o único a se julgar desse modo. Amigos? E sua preocupação derradeira, porque não tem nenhum”.

de dedicar-se à ciência em Itaguaí; por outro, serve-se dos “soldados da saúde” para encarcerar na Casa Verde, os súditos do soberano que apresentassem sintomas que fugiam da normalidade.

Essa interdependência entre medicina e política está representada na narrativa pelas quatro instâncias que centralizam a disputa de poder: a Ciência, a Igreja, a Política e o Povo. Elas são simbolizadas por Simão Bacamarte, pelo padre Lopes, pelos vereadores e pelo barbeiro Porfírio. Os confrontos entre essas instâncias evidenciam sua fragilidade, mas também os jogos postos em prática para legitimarem seu domínio.

No período em que a narrativa ocorre, a organização administrativa brasileira estava centrada na Câmara Municipal, que, como a narrativa demonstra, não exerce um verdadeiro poder, deixando-se influenciar e controlar pelo cientificismo do alienista. A fama que circunda Simão Bacamarte, o respeito por sua formação no exterior e sua competência retórica são responsáveis pela aquiescência da Câmara a seu pedido e de sua posterior subordinação ao médico. Quando a população, liderada pelo barbeiro, rebelou-se contra Bacamarte, os representantes do povo são presos; entretanto, ao serem reconduzidos ao cargo, devido à intervenção da força mandada pelo Vice-Rei, eles mantêm a autoridade do médico, ignorando a vontade popular e entregando-lhe um colega indesejado, bem como o presidente da câmara. Em meio a essas disputas, o padre Lopes e Bacamarte estabelecem uma aliança aparente, o primeiro mascarando, por meio de chalaças, sua contrariedade às ideias do segundo, o qual não reluta em encarcerar o vigário na Casa Verde, por ele estar em “perfeitas condições mentais”.

A medicina que Machado visualiza, quando da escrita de “O Alienista”, continua associada à política, mas, “identificada aos princípios universais da razão, da ciência e do progresso”, ela amplia seu campo de ação ao âmbito social, constituindo-se como “apoio científico ao exercício do poder do Estado” (Muricy, 1988, p. 24). Essa convergência de interesses está explícita na fundação do Hospício Pedro II, em 1841, por meio de um decreto que assinalava a maioria do imperador e que vinculava o governo à modernidade e à civilização .<sup>14</sup>

A analogia entre a instalação do hospício fluminense e o da vila de Itaguaí remete à situação dos loucos, por um lado, submetidos ao cárcere como se fossem criminosos, e, por outro, abandonados a própria sorte, mendigando nas ruas de vilas e de cidades. Ela remete também à forma de obtenção dos recursos para a manutenção dos hospícios: ora provém dos impostos sobre a vaidade, pela taxaço dos penachos dos cavalos em Itaguaí; ora se origina no dinheiro resultante da concessão de títulos de nobreza ou das loterias, no Rio de Janeiro.

A analogia entre a instalação do hospício fluminense e o da vila de Itaguaí remete

---

<sup>14</sup> “O decreto autorizando a construção do hospício foi aprovado pelo imperador Pedro II (1825-1891) em julho de 1841, com base no projeto do político José Clemente Pereira (1787-1854), administrador da Santa Casa do Rio de Janeiro. O imperador contribuiu com boa parte da verba para a construção do edifício – o restante veio da Irmandade da Misericórdia e de abastadas famílias cariocas. O Hospício Pedro II, também chamado de ‘Palácio dos Loucos’, abriu suas portas em dezembro de 1852” (Andrade, 2018, s/p.).

à situação dos loucos, por um lado, submetidos ao cárcere como se fossem criminosos, e, por outro, abandonados a própria sorte, mendigando nas ruas de vilas e de cidades. Ela remete também à forma de obtenção dos recursos para a manutenção dos hospícios: ora provém dos impostos sobre a vaidade, pela taxação dos penachos dos cavalos em Itaguaí; ora se origina no dinheiro resultante da concessão de títulos de nobreza ou das loterias, no Rio de Janeiro.

Como Bacamarte, também a incipiente psiquiatria brasileira se pergunta a respeito da distinção entre loucura e sanidade e, ao conceber a imagem ditatorial do alienista, Machado aponta para as intenções controladoras da nova ciência em relação à população e para sua aliança com o poder político (Muricy, 1988, p. 36). Enquanto instituição, a medicina em geral e a psiquiatria em particular, visava conduzir a sociedade à civilização, ao determinar normas que atenderiam à construção do cidadão, liberto dos instintos e da ignorância e orientado para as normas do bem comum. Paralelamente, o discurso médico, “inspirado no ideal revolucionário, racionalista e humanista da medicina francesa” (Muricy, 1988, p. 29), revestia-se de intenções caritativas, usando como argumento, para intervenções no espaço urbano, os altos índices de mortalidade infantil e as precárias condições de saúde da população adulta.

Conseqüentemente,

por meio da ironia e da dissidência em relação ao fascínio de seus contemporâneos pela ciência, Machado de Assis pode realizar, em “O alienista”, uma crítica social que questiona os limites entre a loucura e a normalidade, os quais emergem do discurso científico positivista do século XIX (Corbanezi, 215, p. 214).

Se normal é aquele indivíduo que se conduz de acordo com as expectativas sociais, é “preciso apartar do convívio público todo aquele que se diferencia, de algum modo, da norma instituída, da aparência dominante” (Bosi, 1982, p. 444). Portanto, com o infindável reconhecimento do número de alienados, referido na ficção, Machado critica a concepção de racionalidade e de normalidade da sociedade brasileira e denuncia um contexto que privilegia a aparência pública de normalidade, mas nega suas contradições. Com efeito, o desejo de inserção na modernidade, representada pelo conhecimento científico, pelo progresso e pela civilização dos hábitos da sociedade, deixa-se conturbar por práticas coloniais, estabelecendo-se o impasse de valores em conflito, o qual é denunciado pela narrativa. A contestação machadiana estende-se, portanto, do discurso psiquiátrico, alegoricamente representado nas ações de Simão Bacamarte, às verdades absolutas propagadas pelo positivismo, pelo naturalismo e pelo liberalismo, ideologias que, equivocadamente introduzidas no contexto brasileiro do século XIX, são degradadas sob o olhar satírico do escritor.

O descompasso entre a sociedade que expõe uma “alma exterior, animada de glória e brilho” (Faoro, 1982, p. 424) e a que revela as fissuras de sua organização é, igualmente, explicitado pela menção a conflitos armados. Também sob esse aspecto, interligam-se tempos distintos, uma vez que episódios da narrativa se relacionam com

Fascinado por seus avanços científicos, Simão Bacamarte interna na Casa Verde todos os indivíduos que, por apresentarem vícios triviais, próprios da natureza humana, são vistos como desequilibrados. O número considerável de internações dá lugar a uma enorme inquietação entre os habitantes de Itaguaí, pois, nas palavras do narrador, “não se sabia já quem estava são, nem quem estava doudo”, instalando-se “positivamente o terror” (p. 268). O termo “Terror”, que intitula o V capítulo, remete ao estágio da Revolução Francesa que ocorreu entre setembro de 1793 e julho de 1794, no qual a violência do Estado foi responsável pela morte de milhares de pessoas, consideradas suspeitas de atos contrarrevolucionários. A proximidade temporal entre os dois movimentos (lembrando que a história do alienista se dá, possivelmente, entre 1785 e 1808) assinala um processo de espelhamento, enquanto a truculência de um e a atrocidade do outro geram insegurança, levam à fuga de parte da população e promovem “A rebelião” (capítulo VI). Essa, na narrativa machadiana, é liderada pelo barbeiro Porfírio, segundo o qual “Itaguaí não podia continuar a servir de cadáver aos estudos e experiências de um déspota” (p. 269-270). Trezentas pessoas unem-se a ele para destruir a Casa Verde ou, nas palavras de um poeta, a “Bastilha da razão humana” (p. 270). O narrador reforça a metáfora, afirmando que, “dada a diferença de Paris a Itaguaí” (p. 271), esses revoltosos, ainda que em número reduzido, podiam ser comparados aos que haviam derrubado a prisão-fortaleza do Antigo Regime francês. A diferença da dimensão, da gravidade e da importância da Revolução Francesa na comparação com a Revolta dos Canjicas (assim denominada por ser “canjica” a alcunha familiar do Barbeiro) enfatiza o ridículo da situação, que é sugerido pelo comentário do narrador, mas não anula a semelhança entre elas. Equiparadas, ambas têm a opressão, simbolizada por um espaço, como traço comum: a Bastilha, simbolizando o absolutismo monárquico; a Casa Verde, a tirania da ciência. Assim, enquanto os jacobinos, sob o comando de Robespierre, assassinam milhares de franceses, desmentindo os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, Simão Bacamarte, com o aval da Câmara Municipal, encarcera grande parte do povo itaguaiense para comprovar sofismas da ciência.

A sequencialidade da história de “O Alienista” conduz à “Restauração”, título do capítulo X que, como o denominado “O Terror”, correlaciona a narrativa machadiana à Revolução Francesa. Entre esses capítulos, sobrevêm mudanças, assim como ocorreu no período que separa as duas fases da conflagração na França, mas o termo restauração não representa, na narrativa, o fim de um período conturbado, senão a reafirmação do poder de Simão Bacamarte. A evolução das ações traz, assim, situações inusitadas que rompem com as expectativas do leitor e conferem à forma discursiva os traços de um delírio: a bastilha de Itaguaí não é derrubada; os Canjicas defrontam-se com a força pública e um terço dos dragões alia-se aos revoltosos; os representantes da Câmara Municipal são presos; Porfírio assume o governo de Itaguaí declarando-se “Protetor da vila em nome de Sua Majestade; contrariando a vontade popular, Porfírio alia-se a Simão Bacamarte, afirmando que não cabe ao governo eliminar a loucura e pede o apoio

Atento, porém, aos dados estatísticos que demonstravam que quatro quintos da população de Itaguaí estavam detidos na Casa Verde, Bacamarte inverte sua hipótese científica e define como “normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades” (p. 280-281). Entretanto, por constatar que somente ele goza do perfeito equilíbrio das faculdades mentais, interna-se na Casa Verde, “com os olhos acesos da convicção científica” (p. 288), onde morre dezessete meses depois.

A radicalização das ideias em cujo rastro se estabelecem as revoluções, a falta de discernimento do povo que se deixa levar pela retórica de líderes cativantes; a propagação e a adoção irrefletida do conhecimento europeu e de suas perspectivas filosóficas científicas e políticas; a exaltação da Revolução Francesa, vista como modelar, são denunciadas por Machado por meio dos avanços e recuos da narrativa, na qual se projeta um movimento circular, em que o ponto de partida e o de chegada se confundem.

Nesse sentido, a revolta dos Canjicas presentifica as sublevações do Período Regencial, quase sempre abafadas pelo poder centralizador do Império, e a menção à Revolução Francesa remete à Inconfidência Mineira. A conspiração separatista da Capitania de Minas, datada, assim como a Revolução Francesa, em 1789, inspirou-se nos ideais do Iluminismo e sua convergência com esse movimento expressa-se no lema “libertas quae sera tamen” ou “liberdade ainda que tardia”. Situando-se na mesma esfera temporal da Inconfidência Mineira e desconstruindo a legitimidade de seus valores, a Revolta dos Canjicas é uma configuração satírica desse movimento e de suas circunstâncias históricas.

#### 4. Interligando elos da história

A presunção de Bacamarte, suas convicções inabaláveis, mas simultaneamente transitórias, a rendição do povo à soberana palavra do cientista, a aceitação de absurdos como verdades incontestáveis são representativos da posição de Machado de Assis que, assumindo uma visão relativista, satiriza o comportamento de seus contemporâneos frente à ciência, tomando como tema o estudo da loucura.

As ações que compõem a sequencialidade da narrativa, a caracterização das personagens, a confluência desestabilizadora de discursos, as remissões a personagens e a fatos da história, projetam o pensamento crítico do escritor, que reflete sobre o contexto em que se situa, transferindo ao passado problemas do momento de produção da novela. Assim, duas épocas, distantes temporalmente, são conjugadas pelo posicionamento de Machado de Assis, que nelas encontra pontos de semelhança, fazendo de “O Alienista” uma sátira da sociedade. Essa sátira recai sobre a radicalização dos ideais revolucionários, a busca desenfreada pela modernização, a adoção imponderada de pensamentos científicos europeus e sua generalização. Portanto, há nesta narrativa uma crítica ao cientificismo – que visava à normatização da vida social brasileira do século

XIX – e à sua pretensa universalidade, posicionamento expresso pelo protagonista Simão Bacamarte.

As ideias filosóficas e científicas que defendiam essa transformação se mostravam incompatíveis com a realidade, aguçando o senso crítico do escritor, para quem “a verdadeira ciência não é a que se incrusta para ornato, mas a que se assimila para nutrição; e que o modo eficaz de mostrar que se possui um processo científico, não é proclamá-lo a todos os instantes, mas aplicá-lo oportunamente” (Assis, 1986b, p. 836).

A passagem, extraída do artigo crítico “A nova geração”, de dezembro de 1879, comprova que Machado de Assis observava o descompasso entre a circulação de concepções científicas e sua aplicação na vida social do Segundo Império brasileiro. Apresentando-se como um ornamento da linguagem, a terminologia da ciência e sua orientação humanizadora faziam parte do verniz social dos indivíduos, mas a ruptura entre os discursos e aquilo que a realidade expressava não se ocultava ao olhar do escritor. Com efeito, em “O Alienista”, ele representa essa descontinuidade por meio de fantoches humanos que, para encenar “o grande teatro do mundo” (Brunel, 2021, p.137), tem a loucura por tema e Itaguaí como cenário. Entretanto, “ao denunciar a ideologia excludente e preconceituosa do velho liberalismo oligárquico” (Bosi, 2008, p. 33), por meio da sátira de “O Alienista”, Machado permite que o leitor reconheça sua presença, ainda que sob outras denominações, em outros tempos e outros lugares, levando-o a desconfiar, não só das verdades do psiquiatra de Itaguaí, mas também daquelas que o circundam na atualidade.

## Referências

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. Aos loucos o Hospício. *Pesquisa FAPESP*. Edição 263, janeiro de 2018, s/p.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Org. por Afrânio Coutinho. V. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986a.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Org. por Afrânio Coutinho. V. III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986b.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BARROS, Diana L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana L. P.; FIORIN, José Luís. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo, SP: Edusp, 1999.

BOSI, Alfredo. Um nó ideológico: notas sobre o enlace de perspectivas em Machado de Assis. *Revista Escritos 2*. Rio de Janeiro: Ed. Casa Rui Barbosa, 2008, p. 7-33.

BOSI, Alfredo. *A máscara e a fenda*. In: BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos; FAUSTO, Boris. Machado de Assis. São Paulo: Ática, 1982.

BRUNEL, Pierre. Itaguaí, ou o grande teatro do mundo. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 129, p. 137-148, 2021. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.i129p137-148. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/188670>. Acesso em: 11 set. 2024.

CERVANTES, Miguel de. *D. Quixote de La Mancha*. Primeira Parte (1605). Tradução de Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho e Antônio Feliciano de Castilho (1808-1879). Edição eBooksBrasil.com: 2005. (Digitalização da edição em papel de Clássicos Jackson, Vol. IX).

COMTE, Auguste. *Catecismo positivista*. In: COMTE, Auguste. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 305- 637.

CORBANEZI, Elton. O terror do positivo: O alienista e o positivismo comtiano. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.22.1, 2015, p.209-232.

FAORO, Raymundo. “O espelho e a lâmpada”. In: BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982, pp. 415-26.

MARTINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org. do Volume). *História da vida privada no Brasil 3*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 131-214.

MOISÉS, Massaud. “O Alienista”: paródia do Dom Quixote? In: MOISÉS, Massaud. *Machado de Assis: ficção e utopia*. São Paulo: Cultrix, 2001, p. 59-68.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Machado de Assis e a psiquiatria: um capítulo das relações entre arte e clínica no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, n.3, jul.-set. 2009, p.641-654.

MEYER, Augusto. Na casa verde. In: MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1952, p. 42-48.

MURICY, Katia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. "O alienista" de Machado de Assis: o Dom Quixote de Itaguaí. *Letras & Letras*, n. 20/1. Uberlândia, 2004, p. 69-80. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25166/13984>. Acesso em: 10 maio, 2024.

ZILBERMAN, Regina. Memórias Póstumas de Brás Cubas: diálogos com a tradição literária. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas* [s. l.], n.1. Porto, p. 179-194, 1998. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/49>. Acesso em: 10 maio, 2024.